

Poliene Soares dos Santos Bicalho (organizadora)

VAMOS FALAR DE LITERATURA INDÍGENA?

Coleção Tessituras do Cerrado

**METADE CARA,
METADE MÁSCARA**

Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em
Territórios e Expressões Culturais do Cerrado - PPGTECCER/UEG

Ensino Fundamental I e II

Cegraf UFG





Universidade Federal de Goiás

Reitora

Angelita Pereira de Lima

Vice-Reitor

Jesiel Freitas Carvalho

Diretora do Cegraf UFG

Maria Lucia Kons

Coordenadora do projeto e
idealizadora do manual didático

Poliene Soares dos Santos Bicalho

Colaboradores

Fernanda Alves da Silva Oliveira

Sélvia Carneiro de Lima

Iorrayne Vieira Marques

Aline Kayapó

Édson Kayapó

Desenhos artísticos

Shirley Mendes do Nascimento

Mirela Ferreira

CONSELHO EDITORIAL

Carlos Benítez Trinidad - Universidad
de Salamanca | karasch@oakland.edu

Mary C. Karasch - Oakland University |
karasch@oakland.edu

Maria Augusta Mundim Vargas - Universidade
Estadual Paulista – UNESP – Câmpus Presidente
Prudente | guta98@hotmail.com.br

Margarida Queirós - Universidade de Lisboa
IGOT, Portugal | margaridav@campus.ul.pt

Ricardo Trevisan - Universidade de Brasília |
prof.trevisan@gmail.com

Patrícia Emanuelle Nascimento - Universidade
Federal de Uberlândia | patricia.nascimento@ufu.br

Cristiane de Assis Portela - Universidade
de Brasília | cportela.historia@gmail.com

Alessandra Seixlack - Universidade Federal
do Rio de Janeiro | alegcseixlack@gmail.com

Els Lagrou - Universidade Federal do Rio de Janeiro |
elagrou1963@gmail.com

VAMOS FALAR DE

LITERATURA

INDÍGENA?

Poliene Soares dos Santos Bicalho (organizadora)

Coleção Tessituras do Cerrado

Cegraf UFG

2023

© Cegraf UFG, 2023

© Poliene Soares dos Santos Bicalho (org.), 2023

Projeto gráfico e diagramação

Julyana Aleixo Fragoso

Revisão

Maria Lucia Kons

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG**

V216 Vamos falar de literatura indígena ? [Ebook] / organizadora,
Poliene Soares dos Santos Bicalho. - Dados eletrônicos (1
arquivo : PDF). - Goiânia : Cegraf UFG, 2023.
Coleção tessituras do cerrado.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-495-0745-7

1. Literatura indígena - Estudo e ensino (Primário). 2. Filosofia
indígena - Estudo e ensino (Primário). 3. Indígenas - Usos e
costumes - Estudo e ensino (Primário). I. Bicalho, Poliene Soares
dos Santos.

CDI 82(=1.81-82)

Bibliotecário responsável: Enderson Medeiros / CRB1: 2276



SUMÁRIO

Sobre a organizadora.....	6	CULTURAS INDÍGENAS	22
Apresentação.....	7	OS CERRADOS E AS FLORESTAS NA LITERATURA INDÍGENA: SABERES QUE SE TRANSFEREM	23
Você sabia?.....	8	Kaká Werá Jekupé.....	24
O QUE É LITERATURA INDÍGENA?.....	9	COMO O INDÍGENA ENXERGA O CERRADO: A PAISAGEM DA MEMÓRIA TAPUIA	25
Onde nasceu a Literatura Indígena?.....	10	O SONHO DA PACIFICAÇÃO DO BRANCO: O surgimento de Goiás, no coração do Cerrado, na visão do indígena escritor	26
Literatura Indígena é Resistência!!!	11	MEIO AMBIENTE	28
POR QUE A LITERATURA INDÍGENA É IMPORTANTE?	12	lauatetê-mirim enfrenta os lobos-guará.....	29
Da prosa ao verso, os mais variados públicos.....	13	SABERES INDÍGENAS E NATUREZA: ENTRE O CERRADO E A FLORESTA ATLÂNTICA.....	31
CONHECENDO A LITERATURA E OS LITERATOS INDÍGENAS.....	14	Relação humanidade-natureza	32
O QUE PODEMOS APRENDER COM A LITERATURA INDÍGENA?.....	16	Marcos Terena.....	34
Daniel Munduruku.....	17	GOSTOU DE SABER MAIS SOBRE A LITERATURA INDÍGENA?	35
OLHA SÓ!.....	18	REFERÊNCIAS	36
OS XERIMBABOS	19		
O LIVRO DAS ÁRVORES - TICUNA.....	20		
O JATOBÁ	21		

Sobre a organizadora

A professora Poliene Soares dos Santos Bicalho vem se dedicando a estudar os povos indígenas brasileiros desde o seu doutorado, concluído no ano de 2010. Os estudos sobre a **Literatura Indígena** começaram a ser desenvolvidos em 2020, por meio do Projeto de Pesquisa e Extensão intitulado **A Literatura Indígena no Cerrado e na Escola: conhecer para reconhecer**, vinculado à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

APRESENTAÇÃO

Caros(as) alunos(as) e professores(as)

É com imensa alegria que o Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPGTECCER/UEG), por meio desta obra, leva a **literatura indígena** para as escolas não indígenas e a qualquer pessoa que se interesse pela temática, com a premissa de que, pela literatura, a matriz étnica indígena, uma das formadoras do povo brasileiro, seja efetivamente apresentada aos estudantes do ensino fundamental I e II.

A **literatura indígena** contemporânea vem se consolidando nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 1990, como um importante lugar de fala dos 305 povos indígenas que compõem a diversidade étnica do território brasileiro. A literatura é uma das artes mais comple-

tas quando se trata de conhecer as sociedades, seus tempos, histórias e peculiaridades. Não é diferente quando se deseja conhecer também as realidades e as especificidades dos povos indígenas, suas culturas, temores, demandas, lutas, resistências, formas de se relacionar com o meio ambiente, de se ver e de estar no mundo. O objetivo deste material didático é exatamente esse: conhecer a **literatura indígena** como meio de também reconhecer esses povos pelas suas próprias narrativas. Contudo, o foco principal estará na literatura produzida por escritores indígenas que, de alguma maneira, retratam o Cerrado, a fim de também compreender mais de perto as relações desses povos com a natureza, a sociedade e a cultura.



Você sabia?

Que os indígenas brasileiros produzem uma **literatura própria**, produzida por indígenas escritores e artistas? Pois é verdade. São centenas de obras que falam das suas cosmovisões; de florestas e cerrados; de cobras e peixes, e muitos outros bichos; de histórias e culturas de seus povos; de lutas e vivências; de mitos fundadores e diversas narrativas sobre a vida indígena na aldeia e na cidade... Você vai se surpreender!!!

De acordo com o Censo Demográfico de 2022 (IBGE), os dados mais recentes da demografia dos povos indígenas no Brasil, há hoje no Brasil:

- 1.693,535** pessoas indígenas;
- 622,1** mil vivendo em terras indígenas;
- 1,1** milhão vivendo fora das terras indígenas;
- 274** línguas indígenas diferentes;
- 305** povos/etnias indígenas distintas.

Dados dos Censos de 2010 e 2022.

FONTE: Funai; IBGE; ISA, 2023.

O QUE É LITERATURA INDÍGENA?

São histórias de mitos, lutas, direitos, aventuras – reais e imaginadas – contadas e escritas, geralmente, pelos próprios indígenas, mas não apenas por eles. Eles tomam para si um direito que sempre tiveram, mas que não era respeitado, o de poderem, eles próprios, contarem as suas histórias do jeito que viveram e vivem até hoje.



Isso é muito bacana, não acham???

<< sumário

Livro:

A terra dos mil povos

Autor: Kaká Werá Jecupé



Cultivo da terra

“Fato desconhecido pelo Ocidental: a terra já era cultivada pelos indígenas. A exemplo disso, os Kayapó, apesar da diversidade ecológica de savanas e cerrados, há tempos sabiam que os ciclos das chuvas e das secas fornecem grande abundância de recursos naturais. Assim, localizavam depressões no terreno, de 1 a 2 metros de diâmetro e de 50 a 60 centímetros de profundidade, e as preenchiam com palha misturada a cupinzeiros e pedaços de formigueiro, para que cupins e formigas brigassem entre si, deixando, assim, os brotos em paz e decompondo e agregando nutrientes ao solo, onde plantavam espécies úteis, formando ilhas de florestas em pleno cerrado” (2020, p. 39).

Onde nasceu a **LITERATURA** Indígena?

A **Literatura Indígena** produzida de forma alfabética é um fenômeno muito recente na produção literária brasileira, mas **sua origem é ancestral e de base oral**, em todas as suas dimensões, tais como: danças, cantos, rituais, pajelanças e demais vivências sociais e comunitárias. A fonte que inspira a produção literária dos indígenas escritores está na **memória ancestral de seu povo**. Aliás, atualmente, há 305 etnias diferentes no Brasil. Portanto, as narrativas de autoria indígena apresentam como base

para sua elaboração a cultura do povo de origem do escritor ou até mesmo o diálogo que o autor/ a autora estabelece com outras culturas dos demais povos indígenas. Todo esse **acúmulo de memórias, que culminam em saberes e fazeres transmitidos por meio da oralidade, de geração em geração, é a base da Literatura Indígena Contemporânea no Brasil.**



E você sabe o que significa a palavra contemporânea nesse contexto?

LITERATURA Indígena é Resistência!!!

Para aprofundar a compreensão do significado de **Literatura Indígena**, evocamos a explicação do professor e escritor indígena brasileiro, **Edson Kayapó**, que afirma:

“Nossa literatura é um instrumento de defesa e de justiça junto aos nossos povos, é também uma produção que colabora de forma efetiva para o fortalecimento e valorização do nosso jeito de ser, além de ser lição de encantamento para o mundo em crise”
(Kayapó, 2013, p. 29 *apud* Lima, 2016).

POR QUE A LITERATURA INDÍGENA É IMPORTANTE?



O que acha de conhecer outra versão da NOSSA HISTÓRIA?

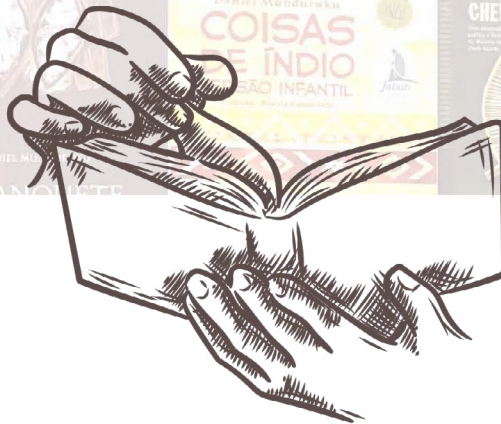
A história dos povos indígenas e da reocupação do território que hoje conhecemos no Brasil vem sendo, ao longo dos séculos, contada apenas por pessoas não indígenas, sob a perspectiva dos invasores (colonizadores). Nós precisamos conhecer e saber qual é a versão dessa história com base no que os próprios indígenas têm a nos dizer. Por isso é tão importante conhecer, mais e mais, a **Literatura Indígena**, pois, **por meio dos livros**

escritos por eles, teremos como saber mais sobre as suas histórias vividas, as culturas e tradições, o passado e o presente, os sonhos e desafios, as lutas e vitórias, as conquistas e os medos; as alegrias, seus rituais, mitos e suas maneiras de sentir, perceber e estar no mundo, além de, também, aprender com eles; apenas assim teremos como conhecer, respeitar e reconhecer toda a diversidade cultural indígena pertencente ao patrimônio histórico e cultural brasileiro.

Da prosa ao verso, os mais variados públicos...

A **Literatura Indígena** Contemporânea no Brasil tem apresentado aos leitores tanto textos em prosa como em poesia, voltados para os mais variados públicos: infantil, infanto-juvenil e adulto.

“E meu sangue
e minha consciência
E minha luta
E nossos filhos?
Brasil, o que eu faço com a minha cara de índia?”
(**Brasil**, Eliane Potiguara, 2018, p. 32)



CONHECENDO A LITERATURA E OS LITERATOS INDÍGENAS

Há centenas de livros literários escritos por indígenas e não indígenas no Brasil hoje.



Vamos conhecer alguns títulos e autores?



2001

Daniel Munduruku

As serpentes que roubavam a noite

2005

Daniel Munduruku

Contos indígenas brasileiros

2007

Kaká Werá Jecupé

As fabulosas fábulas de lauretê

2008

Daniel Munduruku

A palavra do Grande Chefe

2009

Daniel Munduruku

O banquete dos deuses



2010

Ely Macuxi

Iraty. O curumim da selva

2011

Daniel Munduruku

Coisas de onça

Olívio Jekupé

Tekoa. Conhecendo uma aldeia indígena

Tiago Hakiy

Awató-Pót: histórias indígenas para crianças

2012

Raoni Wasiry

Guará olho d'água - o caminho dos sonhos



2014

Olívio Jekupé

Tupã Mirim, o pequeno guerreiro

2015

Tiago Hakiy

A pescaria do curumim e outros poemas indígenas

Tiago Hakiy

Guaynê derrota a cobra grande

2016

Cristino Wapichana

A boca da noite

2018

Daniel Munduruku

O Karaiba. Uma história do pré-Brasil



Eliane Potiguara

Metade cara, metade máscara

2019

Ailton Krenak

Ideias para adiar o fim do mundo

Daniel Munduruku

Coisas de índio (versão infantil)

2020

Ailton Krenak

A vida não é útil

Kaká Werá Jecupé

A terra dos mil povos

O QUE PODEMOS APRENDER COM A LITERATURA INDÍGENA?



Sobre a diversidade de povos, culturas e línguas



Sobre brincadeiras, artes, ritos e mitos

Sobre as lutas e direitos indígenas do passado, presente e futuro

Sobre as relações respeitadas entre todas as formas de vida, humanas e não humanas



Daniel Munduruku 

@DMunduruku

Livro:

Coisas de índio (versão infantil – 2019)

“Jogos e Brincadeiras”

As crianças indígenas são muito criativas na hora de brincar. Elas não têm lojas para comprar os brinquedos, por isso inventam sempre novas brincadeiras para passar o tempo e aprender, pois aprendem enquanto brincam e brincam enquanto aprendem. Desde cedo, as crianças aprendem a conhecer a natureza e, aproveitando-se dela,

fazem instrumentos simples para brincar. Fazem arcos e flechas, bichos de palha, bonequinhas de barro ou de sabugo de milho, canoas pequeninas de madeira ou de palha de açazeiro, piões, petecas e diversos brinquedos feitos com coco e palha de palmeira de tucum ou babaçu (p. 41-42).



As crianças indígenas adoram brincar, como toda criança!!!

OLHA SÓ!

Livro:

Ypaty. O curumim da selva

Autor: Ely Macuxi

Ano: 2010

Falando em diversão, **nada melhor do que pular de uma grande castanheira para dentro do rio**. A gente costuma subir até o “olho dela” e de lá saltar em plena queda livre, sentindo o vento no corpo, seguido de impacto com a água, ao romper sua superfície (p. 23).

Livro:

Coisas de Índio (Versão Infantil)

Autor: Daniel Munduruku

Ano: 2019

Entre os Xavante, que vivem no Mato Grosso, há uma brincadeira muito gostosa. Ela se chama **Datist'wape**, meninas e meninos brincam. Sabem como é? Uns devem subir nos ombros dos outros e travar uma batalha na água. Vencem aqueles que derrubarem a dupla adversária. Tenho a impressão de já ter visto gente brincando assim nas piscinas dos clubes das cidades. Parece que criança é igual em toda parte, não é mesmo? (p. 44).

OS XERIMBABOS

Os indígenas amam bichinhos e, assim como nós, têm seus companheiros fiéis nas aventuras, no trabalho, nas brincadeiras e até na hora de dormir.



Olha só como o curumirim descansa juntinho de seu xerimbabo durante a história sobre sua pescaria.

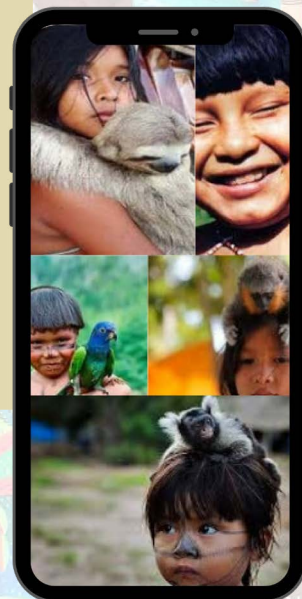
Livro:

Coisas de índio (versão infantil)

Autor: Daniel Munduruku

Ano: 2019

Curumim estava cansado
Armou sua rede nas árvores
Fez carinho em seu xerimbabo
Desenhou sonhos nas nuvens
Nem percebeu quando escureceu
Fechou os olhos e adormeceu
(p. 6).



O LIVRO DAS ÁRVORES - TICUNA

Os brinquedos são feitos pelas crianças ou pelos pais das crianças. Com balseira e buriti fabricam canoas, barcos e remos de tamanho pequeno. Com a mui-rapiranga confeccionam bonecos, pássaros, jabutis, macacos e outros animais. Com coco de tucumã-piranga, fazem os piões. Com o caroço de umari, os apitos. Com as folhas das árvores, os cataventos (1997, p. 81).



O JATOBÁ

“[...] os jatobás são sagrados. O jatoba-zeiro é o sábio e, também, o guardião. Ele ensina o que se aprende com os sentidos.” (Wapichana, 2018, p. 14-15).

“Minha avó continuou a falar daquela velha árvore como se fossem amigas íntimas, de longa data. Disse que aquele jatobá conhecia o tempo das chuvas, do frio e do calor [...]” (Wapichana, 2018, p. 14).



Ele mora no Cerrado, nas Florestas Atlântica e Amazônica e no Pantanal



CULTURAS INDÍGENAS

As **culturas indígenas** possuem importância fundamental na construção da identidade nacional brasileira, pois estão presentes em elementos da dança, festas populares, culinária e, principalmente, na língua portuguesa, características que variam de povo para povo, de modo que **cada um deles tem suas particularidades e são únicos**. Assim, não existe uma única cultura indígena, mas uma enorme diversidade cultural, pois cada povo desenvolveu suas próprias crenças, modos de se alimentar, músicas, cantos, festas, artefatos, artesanatos, pinturas corporais, entre outros. **Mesmo em contato com os não indígenas, os indígenas mantêm suas identidades e se afirmam como grupo étnico possuidor de culturas próprias**. Lembre-se, as culturas não são estáticas, elas são mutáveis, portanto, é natural que as culturas indígenas apresentem mudanças quanto aos seus modos de viver e estar no mundo.

“Existem algumas leituras especiais que a gente só aprende com os velhos sábios. Essa é a leitura de que eu mais gostava, porque aprendia sobre a origem do mundo, das coisas e dos seres encantados.” (Wapichana, 2018, p. 33-34).

“A **memória cultural** se baseia no ensinamento oral da tradição, que é a forma original da educação nativa, que consiste em deixar o espírito fluir e manifestar por meio da fala aquilo que foi passado pelo pai, pelo avô e pelo tataravô.” (Jecupé, 2020, p. 33).

OS CERRADOS E AS FLORESTAS NA LITERATURA INDÍGENA: SABERES QUE SE TRANSFEREM

Os Cerrados e as Florestas são professores, eles nos ensinam que tudo tem seu tempo certo de existir, uma razão e um porquê. É preciso entender as suas lógicas, saber esperar, não correr tanto, parar e ob-

servar a vida fluir. A **Literatura Indígena**, que retrata tão bem os muitos Cerrados e Florestas, em razão da intimidade que os indígenas têm com eles, pode nos ajudar a entender tudo isso!!!





Kaká Werá Jecupé

@KakaWera



Livro:

A Terra dos Mil Povos – História Indígena do Brasil contada por um índio (2020)

O povo Tapuia do Carretão, que vive no estado de Goiás, em uma região típica de Cerrado, surgiu no Aldeamento Pedro III ou Carretão, implantado em 1788 na Província de Goiás. Lá foram aglomeradas etnias indígenas de diferentes histórias e culturas – os Panariá-Kayapó do Sul, os Akwê-Xerente, os A'uwe-Xavante e os Iny-

-Karajá e Javaé, além de africanos escravizados e não indígenas pobres de origem europeia –, sob opressão e imposição do trabalho e da cultura não indígena. Essas histórias, de imposição sociocultural dos governos da época, também são contadas pelo viés e olhar dos indígenas na Literatura produzida por eles.

COMO O INDÍGENA ENXERGA O CERRADO: A PAISAGEM DA MEMÓRIA TAPUIA

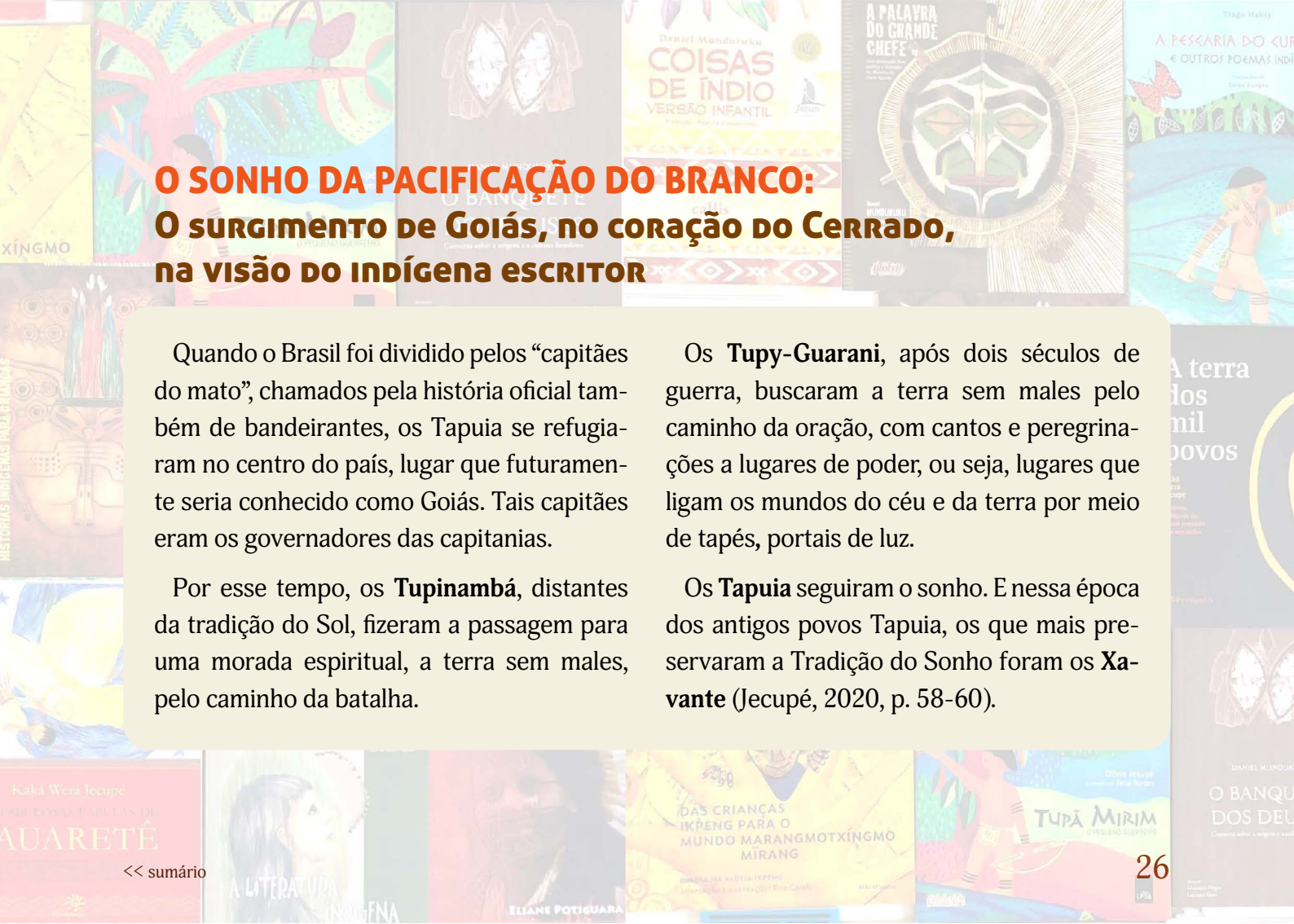
Enquanto as águas engoliam uma civilização e pajés da sabedoria se preparavam para levar o *Arandu Arakuua* para Pindorama, o “lugar dos buritis”, este já abrigava os antepassados Tapuia. A terra diz aos arqueólogos que os primeiros povos brasileiros habitaram este solo entre 16 mil e 14 mil anos atrás.

O clima era mais seco e mais frio, as florestas, pequenas, o mar estava bem mais distante das praias atuais, e boa parte do

Brasil era formada por cerrados e caatingas. Entre os diversos animais, havia os ditos pré-históricos, como mastodontes e preguiças-gigantes.

Humanos dividiam cavernas com animais e pássaros, e os povos escavavam a terra em círculo e cobriam a cavidade com palha, **fazendo moradas-ventres, buracos para o amparo do sono, cobrindo terra para o corpo de sonho** (Jecupé, 2020, p. 39).



The background is a collage of various book covers and indigenous art. Visible titles include 'COISAS DE ÍNDIO VERSÃO INFANTIL' by Daniel Mundurucu, 'A PALAVRA DO GRANDE CHEFE' by Daniel Mundurucu, 'A PESCARIA DO CURUPÉ E OUTROS POEMAS INDÍGENAS' by Thiago Farley, 'O BANQUETE DOS DEUSES' by Daniel Mundurucu, 'Kaká Werá Jecupé' by Eliane Potiguara, 'DAS CRIANÇAS IKPENG PARA O MUNDO MARANGMOTXÍNGMO MÍRANG' by Eliane Potiguara, and 'TUPÁ MIRIM' by Eliane Potiguara. There are also illustrations of indigenous faces and patterns.

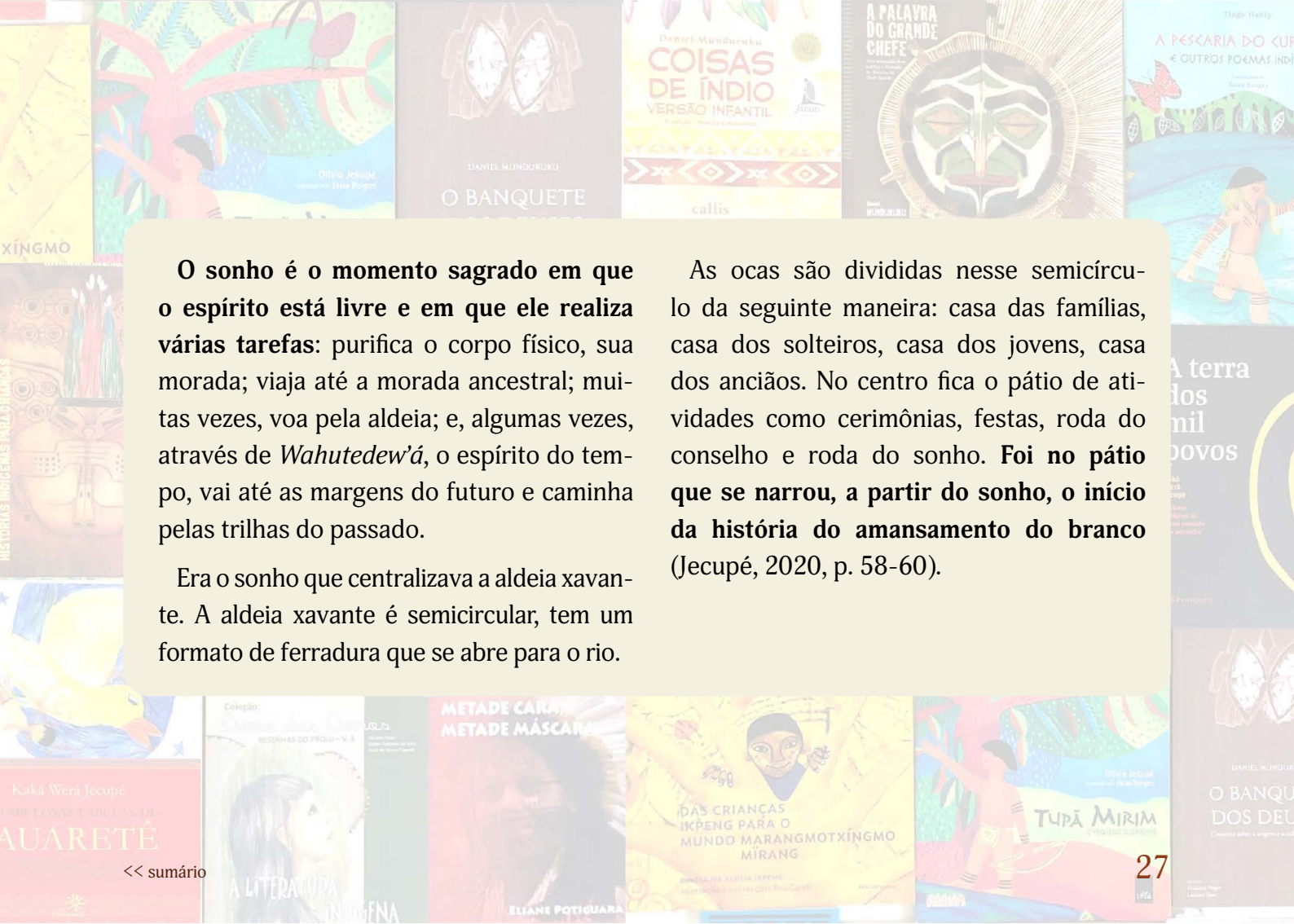
O SONHO DA PACIFICAÇÃO DO BRANCO: O SURGIMENTO DE Goiás, no coração do Cerrado, na visão do INDÍGENA ESCRITOR

Quando o Brasil foi dividido pelos “capitães do mato”, chamados pela história oficial também de bandeirantes, os Tapuia se refugiaram no centro do país, lugar que futuramente seria conhecido como Goiás. Tais capitães eram os governadores das capitanias.

Por esse tempo, os **Tupinambá**, distantes da tradição do Sol, fizeram a passagem para uma morada espiritual, a terra sem males, pelo caminho da batalha.

Os **Tupy-Guarani**, após dois séculos de guerra, buscaram a terra sem males pelo caminho da oração, com cantos e peregrinações a lugares de poder, ou seja, lugares que ligam os mundos do céu e da terra por meio de tapés, portais de luz.

Os **Tapuia** seguiram o sonho. E nessa época dos antigos povos Tapuia, os que mais preservaram a Tradição do Sonho foram os **Xavante** (Jecupé, 2020, p. 58-60).



O sonho é o momento sagrado em que o espírito está livre e em que ele realiza várias tarefas: purifica o corpo físico, sua morada; viaja até a morada ancestral; muitas vezes, voa pela aldeia; e, algumas vezes, através de *Wahutedew'á*, o espírito do tempo, vai até as margens do futuro e caminha pelas trilhas do passado.

Era o sonho que centralizava a aldeia xavante. A aldeia xavante é semicircular, tem um formato de ferradura que se abre para o rio.

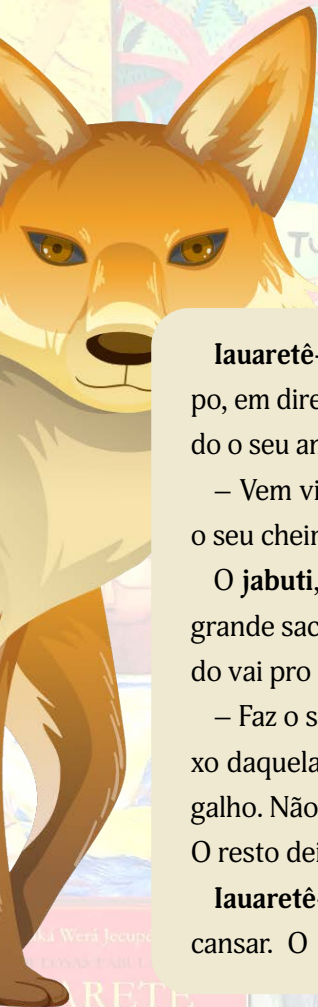
As ocas são divididas nesse semicírculo da seguinte maneira: casa das famílias, casa dos solteiros, casa dos jovens, casa dos anciãos. No centro fica o pátio de atividades como cerimônias, festas, roda do conselho e roda do sonho. **Foi no pátio que se narrou, a partir do sonho, o início da história do amansamento do branco** (Jecupé, 2020, p. 58-60).

MEIO AMBIENTE

As faunas do Cerrado, da Amazônia e da Mata Atlântica estão muito presentes na **Literatura Indígena**, afinal, muitas narrativas e histórias indígenas foram construídas com base nas relações sempre tão próximas entre os indígenas e os animais. O **lobo-guará**, um animal típico do Cerrado e o maior canídeo da América do Sul (WWF, 2021), está presente na obra **As fabulosas fábulas de Iauaretê**, de Kaka Werá Jecupé (2007, p. 70-74), contadas pelos mais velhos às crianças indígenas na aldeia.

Na página seguinte você conhecerá essa incrível narrativa!





Iauaretê-mirim enfrenta os lobos-guará



Iauaretê-mirim caminhava, havia um bom tempo, em direção ao ninho do pássaro **Acauã** quando o seu amigo **beija-flor** apareceu e lhe disse:

– Vem vindo um **lobo-guará** aí, e ele já sentiu o seu cheiro.

O **jabuti**, que estava dentro do samburá, uma grande sacola que índio gosta de carregar quando vai pro mato, disse:

– Faz o seguinte, **Iauaretê-mirim**, fique debaixo daquela árvore e me ponha bem em cima do galho. Não saia dali, deixe ele se aproximar bem. O resto deixe comigo.

Iauaretê-mirim então aproveitou para descansar. O **lobo-guará** foi se aproximando, se

aproximando, se aproximando, e, quando ia pular para pegar o jovem guerreiro, o **jabuti** foi mais preciso e se jogou de cima da árvore, caindo com seu casco bem na testa do **guará**, que imediatamente desmaiou.

Continuaram a jornada até escurecer. Quando **Iauaretê-mirim** ia se preparar para dormir, sua amiga coruja, que enxerga à noite, viu e avisou sobre outro **logo-guará** que se aproximava. **Iauaretê-mirim** então fez uma armadilha com um cipó com um laço escondido no chão e ficou esperando, fazendo-se de isca. Quando o **lobo-guará** chegou bem perto e ia atacar, puxou o laço e prendeu o bicho.



No dia seguinte, enquanto o índio andava, a **coruja** ficou descansando um pouco na árvore, pois ela havia passado a noite de vigília. Claro que depois ela os alcançaria. O **beija-flor** foi zunindo na frente, muito rápido como sempre. O **jabuti** estava meditando dentro do samburá.

Estavam chegando muito próximos da montanha da **Pedra Furada** quando, repentinamente, apareceram vários **lobos-guará** ao mesmo tempo. Apareceram tão de repente que nem o **beija-flor** ouviu. Foi quando começaram a encurralar o jovem guerreiro.

Iauaretê-mirim estava ficando acuado à parede, quando lhe veio uma voz de dentro da sua cabeça:

– Agora é a hora de mostrar o seu lado onça!

Foi quando a braveza e o som do seu pai lhe vie-

ram, de tal forma que parecia mesmo uma onça! Conseguiu assustar os lobos e, com três enormes saltos, chegou ao alto da Pedra Furada. Nem ele mesmo sabia como conseguira isso.

Chegou rapidamente ao ninho do pássaro Acauã e teve outra surpresa: o ninho estava vazio, mas havia muitas penas. Não teve dificuldade em escolher a mais bonita!

Estava ainda admirando a pena quando repentinamente um pássaro desceu em voo rasante e o pegou pelos ombros com suas firmes garras!

– Socorro!

Nem a coruja, nem o beija-flor conseguiram acompanhar aquela velocidade ultrarrápida do Acauã. Foi subindo, foi subindo, foi subindo...

Sumiu no céu (Jecupé, 2020, p. 70-74).

SABERES INDÍGENAS E NATUREZA: ENTRE O CERRADO E A FLORESTA ATLÂNTICA

AILTON KRENAK

Entre os escritores indígenas mais conhecidos por falar sobre a importância da natureza, está **Ailton Krenak**, que pertence ao povo **Barum**, como se autodenominam os **Krenak**, etnia que habita uma grande área de **Cerrado e Floresta Atlântica**, no estado de Minas Gerais, nas redondezas do Rio Doce.

Ailton Krenak nos ensina, através da sua narrativa literária, que nós não podemos nos permitir “descolar” da terra, porque somos ligados a ela... (Krenak, 2019).



Livro:

Ideias para adiar o fim do mundo (2019)

Relação HUMANIDADE-natureza

O rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de **Watu**, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico, onde fomos gradualmente confinados pelo governo para podermos viver e reproduzir as nossas formas de organização (com toda essa pressão externa).

O **Watu**, esse rio que sustentou a nossa vida às margens do rio Doce, entre Minas Gerais e o Espírito Santo, numa extensão de seiscentos quilômetros, **está todo coberto por um material tóxico que desceu de uma barragem de contenção de resíduos, o que nos deixou órfãos** e acompanhando o rio em coma. Faz um ano e meio que esse crime – que não pode ser chamado de acidente – atingiu as nossas vidas de maneira radical, nos colocando na real condição de um mundo que acabou (p. 40-42).

Quando nós falamos que o nosso rio é sagrado, as pessoas dizem: “Isso é algum folclore deles”; quando dizemos que a montanha está mostrando que vai chover e que esse dia vai ser um dia próspero, um dia bom, eles dizem: “Não, uma montanha não fala nada”.



E tem mais!

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista. Do nosso divórcio das integrações e interações com a nossa mãe, a Terra, resulta que ela está nos deixando órfãos, não só aos que em diferente graduação são chamados de índios, indígenas ou povos indígenas, mas a todos (p. 49).



Marcos Terena e Atenéia Feijó

@AteniaFMarcosTerena

Livro:

O índio aviador (1994)

No livro **O índio aviador**, Marcos Terena relata que as crianças indígenas, muitas vezes, projetam o “mundo sedutor dos brancos” em suas brincadeiras, além das brincadeiras tradicionais. No livro, Guli, personagem principal da história, mergulha nas lembranças do passado e:

“Vai catando frutas, ossos, pedras, galhos e capim para criar a sua cidade imaginária. Pega as mangas e começa a esculpi-las. As frutas viram bois, cães e cavalos, devidamente espetadas em pauzinhos que funcionam como pernas. Com o resto constrói a estrada de ferro, a estação, o trem, as casas... Não esquece os acidentes naturais, canalizando água com os ossos para formar os riozinhos. Nem das árvores, as mais fáceis de inventar.” (Marcos Terena; Atenéia Feijó, 1994, p. 24 e 25).

GOSTOU DE SABER MAIS SOBRE A LITERATURA INDÍGENA?

Se sim, descreva nesse pergaminho o que você mais gostou de saber sobre a **Literatura Indígena** e por quê?



REFERÊNCIAS

FEIJÓ, Atenéia; TERENA, Marcos. **O índio aviador**. São Paulo: Editora Moderna, 1994.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. **Quem são**. Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-nobrasil/quemsao#:~:text=Ainda%20segundo%20o%20censo%2C%20817.963,ind%C3%80%20representando%20305%20diferentes%20etnias>. Acesso em: 31 jan. 2023.

GUARÁ, Raoni Wasiry. **Olho d'água: o caminho dos sonhos**. Ilustrações de Walther Moreira Santos. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

HAKIY, Tiago. **A pescaria do curumim e outros poemas indígenas**. Ilustrações de Taísa Borges. São Paulo: Panda Books, 2015a.

HAKIY, Tiago. **Awató-Pót: histórias indígenas para crianças**. Ilustrações de Maurício Negro. São Paulo: Paulinas, 2011.





HAKIY, Tiago. **Guayné derrota a cobra grande**. Uma história indígena. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015b.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indígenas**. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/>. Acesso em: 31 jan. 2023.


ISA. Instituto Socioambiental. Povos Indígenas no Brasil (socioambiental.org). *In: Quantos são*. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Quantos_s%3A3o%3F. Acesso em: 31 jan. 2023.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio**. Ilustrações de Taísa Borges. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2020.

JECUPÉ, Kaká Werá. **As fabulosas fábulas de Iauaretê**. Ilustrações de Sawará. São Paulo: Peirópolis, 2007.



JEKUPÉ, Olívio. **Tekoa**: conhecendo uma aldeia indígena. Ilustrações de Maurício Negro. São Paulo: Global, 2011.



JEKUPÉ, Olívio. **Tupã Mirim**: o pequeno guerreiro. Ilustrações de Taísa Borges. São Paulo: Textos Editores, 2014.

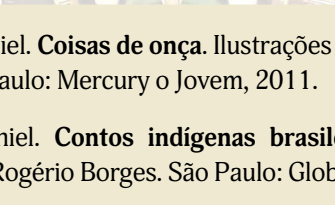
KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LIMA, Sélvia Carneiro de. **Escritores indígenas em movimento**. Goiânia: UFG, 2016.

MACUXI, Ely. **IpatY**: o curumim da selva. São Paulo: Paulinas, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**. 3 ed. (versão infantil). São Paulo: Callis, 2019.



MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de onça**. Ilustrações de Ciça Fitipaldi. São Paulo: Mercury o Jovem, 2011.

MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros**. Ilustrações de Rogério Borges. São Paulo: Global, 2005.

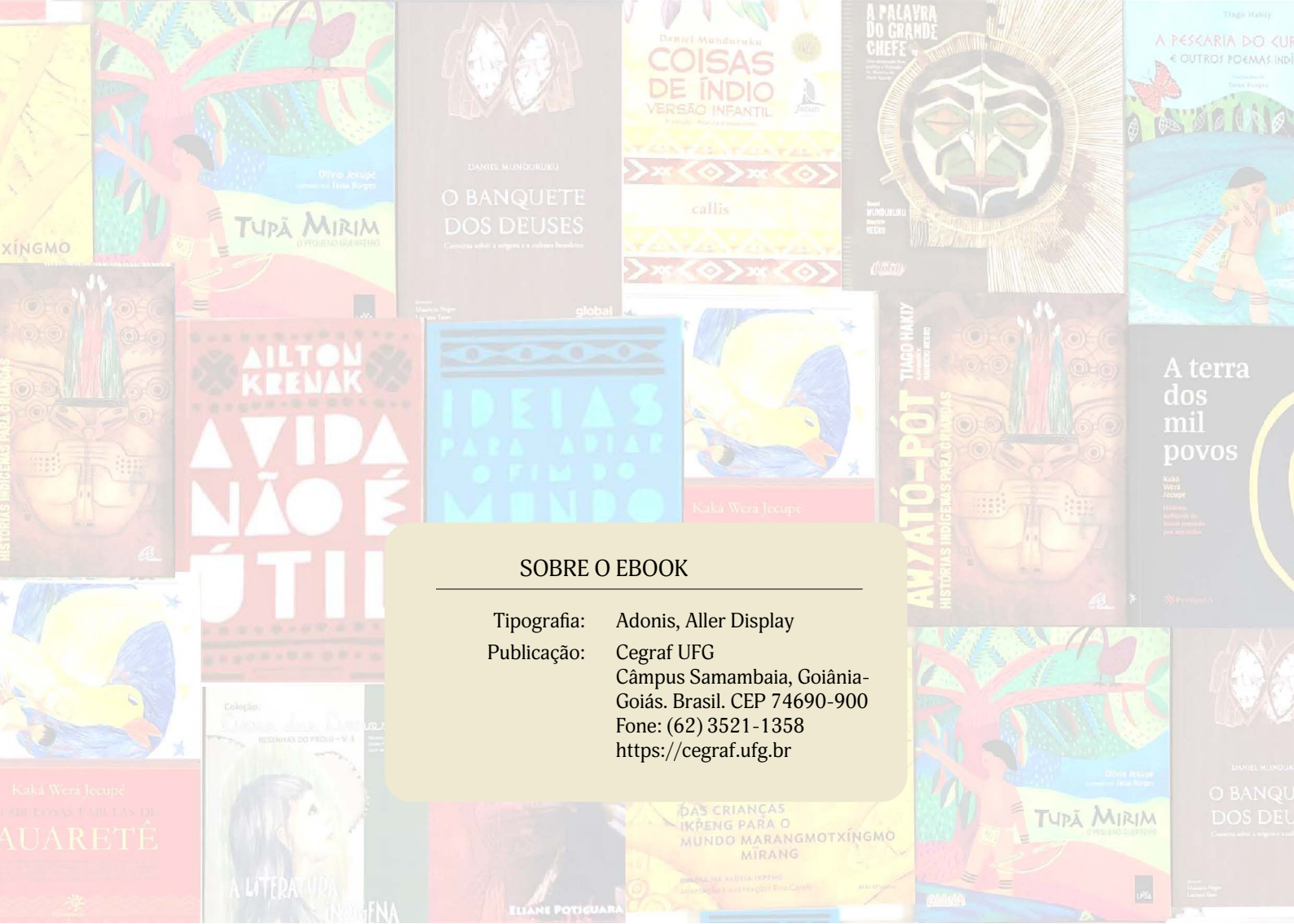
MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **A palavra do grande chefe**. Ilustrações de Maurício Negro. São Paulo: Global, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. **As serpentes que roubaram a noite e outros mitos**. São Paulo: Ed. Peirópolis, 2002.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. 3. ed. Rio de Janeiro: Grumin, 2018.

WAPICHANA, Cristino. **A boca da noite**. Rio de Janeiro: Zit, 2016.



SOBRE O EBOOK

Tipografia: Adonis, Aller Display
Publicação: Ceograf UFG
Câmpus Samambaia, Goiânia-
Goiás. Brasil. CEP 74690-900
Fone: (62) 3521-1358
<https://cegraf.ufg.br>